

AS PESTES DE 1833 E 1856

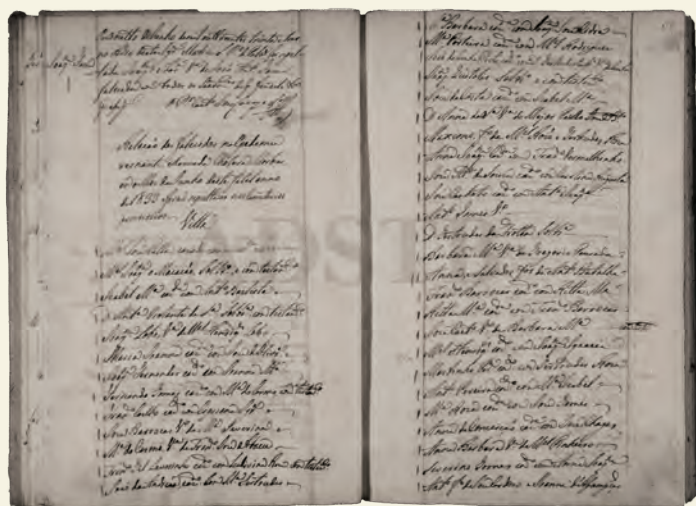
Estava o país a meio da guerra civil, quando em 1833 outra tragédia entrou sorrateiramente no país. A bordo do vapor London Marchant, juntamente com o general Solignac e duzentos soldados belgas, que vinham auxiliar os liberais durante o cerco do Porto, chegou também a *cholera morbus*, uma doença gastrointestinal contagiosa, cuja propagação fazia-se por meio de águas ou alimentos contaminados. Os primeiros sintomas eram fortes diarreias, desidratação, febres altas, vômitos, dores abdominais. Nos casos mais graves a temperatura corporal da pessoa infetada baixava drasticamente e morria em pouco tempo. Estudos posteriores encontraram a origem da doença no rio Ganges.

Em 1832 a peste que se tinha alastrado pelo norte da Europa, chegou a Portugal no meio de uma guerra civil, num período em que as condições de vida, de segurança e de higiene eram as piores possíveis. Com a necessidade de fugir dos confrontos entre as tropas liberais e absolutistas, imagino que as condições de higiene fosse a menor das preocupações da população.

Apesar de, nas epidemias anteriores ter sido possível pôr as tripulações dos barcos em quarentena, no cenário de guerra, tal não seria possível, e os soldados doentes não só foram contaminar os seus companheiros como, ao deslocar-se para o Algarve e daí para Lisboa levaram a doença para sul e depois para o centro do país.

Segundo o duque de Palmela, os líderes sabiam que as suas tropas estavam doentes mas, mais uma vez, vencer a guerra era mais importante do que conter a doença e por isso ignoraram o problema. Por um lado, tinham receio que os soldados saudáveis se recusassem a combater, por outro, se essa informação passasse para a população, deixariam de ajudar os militares. Foi, portanto, uma tempestade perfeita. Nos livros de registos paroquiais de S. Pedro em Palmela, percebemos bem o impacto que a epidemia teve na população. No início da lista pode ler-se: *Relação dos falecidos na pandemia reinante, chamada Cholera Morbus, no mês de junho deste fatal anno de 1833. Serão sepultados nos cemitérios provisórios*. Segue-se a lista dos defuntos: 62 moradores na Vila (Palmela), 49 em Cabanas, 55 em *Quinta do Anjo*, *Bacelos e Aldea*, 26 nos Barris e 8 nas Quintas e Hortas. A lista termina com a advertência: *Certifico que todos os relacionados falecidos foram socorridos com os sacramentos (...) e extrema unção, mas a mortandade era tanta e os (padres?) tão poucos que alguns pela distancia local não puderam ser sacramentados em tempo, recebendo apenas a Unção Extrema, enfim dias de aflicção e de confinção (?) que nos cobrirão de luto e de lágrimas.*³⁹³

Terão morrido 200 pessoas no mês de junho de 1833, e para



114 As páginas com as listas das vítimas da *cholera morbus* do livro de óbitos dos Registos Paroquiais da freguesia de S. Pedro, da qual fazia parte a Quinta do Anjo.

comparação, nesse mesmo ano, entre janeiro e final de abril, morreram na mesma paróquia um total de 11 pessoas. Em julho e nos meses seguintes os números baixaram drasticamente para os níveis normais. Um dos *cemitérios provisórios* referidos pelo escrivão pode estar localizado junto às ruínas da ermida de S. Brás.

Contava a mãe de Isabel Frescata Montargil ter visto nesse local, durante a sua infância, *essa terra ter sido lavrada. E perante os seus estupefactos e angustiados olhos surgiam à luz do dia ossadas e mais ossadas, numa dramática sucessão*. Estima-se que a pandemia tenha feito mais vítimas que a própria guerra.

Nos anos 1855/56 houve outro surto de cólera³⁹⁴, com início no norte. As autoridades levaram muito tempo a reagir e a doença voltou a espalhar-se por todo o país. Podemos encontrar novamente o aumento da mortandade nos registos paroquiais de S. Pedro a partir de dia 10 de fevereiro de 1856. Apesar de não indicar quais os motivos das mortes, regista que, entre dia 10 e 28 de fevereiro foram enterradas 73 pessoas no cemitério da paróquia. Desta vez o surto não foi tão grave e o facto de estar o país num período de paz permitiu lidar com o problema adequadamente. Por comparação, no mês seguinte, março morreram apenas 3 pessoas e esse será o número normal de mortes nesta freguesia, naquela época.

Neste surto a imprensa teve um papel importante em manter a população informada. Apesar do elevado número de analfabetos, os jornais eram lidos coletivamente e a informação já não era censurada pelas autoridades.